

## COMO CONVIVER COM O DÓLAR

O suave pouso do dólar a médio e longo prazo, buscando um alinhamento com o real, faz com que necessariamente se imagine os vetores de um novo cenário que começa a esboçar-se no futuro inarredável que virá através:

- a) Do total arrefecimento da inflação pela retração dos preços internos;
- b) A consciência de que a valorização do real, estimado em dólar, com a queda da inflação deverá, necessariamente, estabilizar os salários, sob pena de transferindo custos sociais para as mercadorias, perder-se a competitividade e conseqüentemente levar mais empresas a fecharem as portas; Manter o salário estabilizado, em razão de sua apreciação em dólar é a solução para a manutenção do emprego e a competitividade da empresa; (Aumento de salário regional é proselitismo político cujo custo demagógico em breve ficará demonstrado).
- c) A necessidade lenta, gradual e segura de inversão do “efeito cavalo de pau” por uma descompressão na taxa de juro Selic, no aumento da liquidez bancária com a inversão da taxa de depósito compulsório no Banco Central e com uma fugaz, leve e gradativa oferta do aumento da base monetária. Todos estes atos são possíveis pela política do Banco Central aumentando a liquidez monetária e baixando o custo do capital para investimento através da maior oferta de dinheiro;
- d) A percepção seletiva, do capital rentista, das atividades com vantagens comparativas ou não e o nível de risco envolvido, com reflexo nas taxas de remuneração dos juros comerciais. Uma conduta seletiva frente aos tomadores e à leitura das suas idiossincrasias poderia estabelecer taxas seletivas dos juros comerciais, apertando as atividades com risco cumulado e apeteendo atividades compatíveis com a nova realidade. Abre-se um novo cenário para que o marketing bancário, pressionado pela competitividade, possa criar novos escaninhos, com juros mais plausíveis, adaptados a pontuação de seus clientes evitando-se assim o viés do paradoxo que se aproxima.
- e) A necessidade urgente de uma reforma tributária evitando a perda de competitividade. Desta forma evitar-se-á a fatalidade do aumento de falências e do sacrifício de mais postos de trabalho por força do custo tributário hoje embutido no custo das mercadorias. Aí está a luta por um novo Pacto Federativo.
- f) A necessidade de eficiência gerencial e tecnológica dos empreendimentos para estabelecer patamares mais baixos para os preços de custo.
- g) O incremento da importação com o conseqüente efeito da substituição de mercadorias do mercado interno que não tenham competitividade ( seus preços de custo trazem embutidos custos sociais irrealis (demagogia salarial) + impostos + incompetência gerencial e tecnológica).
- h) A necessidade de reciclagem de postos de trabalho das atividades incompetentes para as atividades competentes mediante uma ação pró-ativa tipo Senac, Senai ou Sesc. Resgatar através do ensino técnico e da reciclagem das atividades.
- i) A busca de novos mercados externos por aqueles setores que em face do dumping monetário brasileiro detinham competitividade que gradativamente, com a apreciação do real, passam a obter margens mais reduzidas de retorno;

Estes são alguns pontos que serviriam para iniciar um amplo debate a fim de formalizar para o grande público o que hoje já é uma certeza íntima para grande número de práticos e especialistas.